

#### 4. **As Cartas de Vieira e seu momento linguístico**

Antes de analisarmos os dados nas Cartas de Vieira, é necessário realizar um movimento que vai além do texto propriamente dito, observando algumas significativas questões extratextuais, como o contexto histórico, que atuam sobre a escrita e seu autor e nos faz acompanhar o uso da língua em seu tempo. Em primeiro lugar, faremos uma breve descrição biográfica acerca de Vieira para localizarmos as suas Cartas. Seguiremos observando o momento histórico, o século XVII, e por fim o momento linguístico buscando relacionar as cartas em relação ao período da língua portuguesa em que foram escritas tendo como referência a proposta de Bechara (1985).

Em relação ao quadro histórico podemos, em linhas gerais, destacar alguns pontos importantes que nortearam toda esta época. Segundo Elia (2003: 65), o século XVII admite a seguinte divisão: o período filipino (1580-1640) e o período pós-filipino (1640-1700). No primeiro período destacamos a presença da pirataria, corsários ingleses e invasores franceses e holandeses. Tanto os portugueses quanto os espanhóis tiveram de lutar para a consolidação de sua posse no litoral, o que desencadeou conflitos conhecidos por nós como as invasões francesas e holandesas. Durante este período Portugal e Espanha dividiam o mesmo rei, Felipe II, na chamada União Ibérica. Em 1640, é restaurado o trono português instaurando um sentimento de rebelião e apego ao território nacional. Durante este período, Padre Antônio Vieira atuou como a figura da diplomacia, se empenhando em firmar acordos de paz. Estes momentos conflitantes de Vieira estão presentes em suas cartas, que forneciam informações e conselhos ao rei D. João IV.

Inserido neste cenário, com um “papel forte” (Ibid., 2003: 66) a figura de Padre Antônio Vieira (1608-1697) é multifacetada: orador sacro, missionário, diplomata e escritor. Sua obra e religiosidade sempre interagiram com fatos econômicos e políticos. Em sua época, naquele conturbado século XVII, a sua erudição e influência lhe dariam a classificação que hoje entendemos como a de

intelectual engajado<sup>14</sup>, aquele que transita em diferentes campos sociais de forma atuante, observadora e crítica. Segundo Bulcão (2008: 15), ao longo de sua vida Vieira foi reformulando conceitos e revendo posições, e para entender este movimento é necessário ambientar o seu contexto histórico, o século XVII. A sua figura de peso e diplomática participou de importantes momentos como um representante da nação lusitana, inclusive estreitando relações com outras nações, além de representar e descrever para a corte o Brasil. Trata-se de um século marcado pela União Ibérica da qual podemos destacar como principais aspectos: a crise dinástica portuguesa (culminando no desaparecimento de D. Sebastião que não possuía herdeiros), o processo de unificação das coroas peninsulares, a administração dos reis espanhóis e por fim a sua ruptura na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).

Nascido na Freguesia da Sé, em Lisboa, Antônio Vieira Ravasco era filho de um servidor do governo colonial de origem modesta e requisitado a trabalhar no Brasil em 1614. Morou em Salvador, na Bahia desde seis anos, e fez toda sua educação e formação religiosa no Colégio dos Jesuítas, na então capital da Colônia. Aos 15 anos saiu da casa paterna e ingressou (1623) na Companhia de Jesus, onde se destacou e conquistou reconhecimento. Sua erudição era tamanha que aos dezessete anos já dominava o latim, a filosofia e a teologia. Completou o noviciado em 1626 já ensinando retórica na escola de Olinda e foi encarregado de redigir a Carta Ânua, relatório dos trabalhos da Companhia.

Em 1635 é ordenado sacerdote e exerce a função de pregador Vieira se destacou não apenas como um dos maiores oradores sacros do século XVII mas também como diplomata e político. Durante dez anos chefiou uma missão no Maranhão. As cartas enviadas nesta época, a superiores e irmãos da Companhia, ao rei e a outras autoridades são uma fonte importante de informação. Vieira critica as autoridades coloniais e o tratamento dado aos índios. Transmite informações preciosas sobre a terra, a fauna e a flora e os costumes dos indígenas.

Em 1641, viaja a Portugal integrando a comitiva de reconhecimento e homenagem ao novo monarca, D. João IV. Sua aproximação e dedicação ao rei o

---

<sup>14</sup> Consideramos o conceito de “intelectual engajado” formulada por Sartre: uma figura que intervém criticamente na esfera pública trazendo consigo o seu conteúdo intelectual em diferentes áreas, sua autonomia de opinião e sua visão da atualidade (*apud* Novaes, 2006: 161).

colocou nas funções diplomáticas e políticas. Seus sermões eram muitas vezes verdadeiros discursos políticos, procuravam circular na opinião pública as medidas que pretendiam ser adotadas pelo rei. Com o apoio do rei visava conciliar Portugal e Holanda e, além disso, lutava pelo interesses indígenas, dos cristãos novos e judeus.

Com a morte de D. João IV (1656), o defensor dos judeus e dos índios foi perseguido e acusado de heresia. Levado a Portugal, preso, encarcerado e, condenado pelo Santo Ofício como herege entre 1666-1667. Sua pena foi posteriormente anulada e beneficiado pela anistia, depois da deposição de Afonso VI (1669) partiu para Roma e, pregando em italiano fez campanha contra a Inquisição. Também tentou constituir uma nova companhia de comércio, com capitais de cristãos novos para favorecer as missões jesuítas no Oriente sem sucesso. Voltou à Bahia (1681) onde viveu a última fase da vida, inteiramente dedicada à revisão dos sermões e cartas e à conclusão da *Clavis prophetarum*, publicadas com o título de *História do futuro* em 1718.

Para Niskier (2004: 31), Padre Antônio Vieira teve participação num período decisivo da história da humanidade, o século XVII, que ele ocupou não só quase inteiro como marcou também profundamente com o brilho de sua inteligência e a firmeza da sua atuação. Para o autor, Vieira foi um dos raros homens, em todos os tempos, a alcançar um equilíbrio perfeito entre ação e contemplação. Seus sermões e suas cartas bastariam para imortalizá-lo, mas ele não se contentou apenas com o gênio literário: foi missionário e catequista, estadista e diplomata, político e estrategista.

Sua obra é composta por cerca de 200 sermões e de mais de 500 cartas, além do *História do futuro* (1662-1663). Seus escritos versam sobre política diplomacia, profecia, religião, dentre outros. Seus textos demonstram sua expressiva retórica, domínio da língua e dos seus efeitos no auditório e caracterizam sua dialética envolvente, nos aproximando de suas palavras e intenções mesmo estando a quatro séculos de distância.

Neste trabalho temos como corpus o primeiro tomo das Cartas de Vieira organizadas por João Lúcio Azevedo<sup>15</sup> que correspondem aos anos de 1626 a

---

<sup>15</sup> João Lúcio de Azevedo (1855-1933), português e imigrante em Belém do Pará, era historiador sem estudo e autor de obras relacionadas à história e também à literatura. O seu interesse pelo século XVII e XVIII o fez investigar o Padre Antônio Vieira, e sua dedicação culminou em uma

1661. As cartas de Vieira organizadas pelo autor em ordem cronológica somam um total de 729 cartas compiladas em três volumes. A escolha pelo primeiro volume das cartas se deu pelo maior número de ocorrências para a nossa análise. Neste primeiro volume encontramos a Carta Ânua da Província do Brasil entre os anos de 1624 e 1625 em que aborda o ataque holandês; as cartas escritas durante as missões diplomáticas a Paris, Haia a serviço de D. João IV e Roma; e o seu período de retorno ao Brasil, desta vez como superior das missões do Maranhão, de Macapá e do Grão Pará.

#### 4.1.

#### **Periodização da língua portuguesa: a proposta de Evanildo Bechara**

Para situarmos o momento linguístico relacionado às cartas de Vieira, consideramos a proposta de periodização da língua portuguesa de Bechara (1985) a mais representativa. Em seu trabalho *As fases históricas da língua portuguesa: tentativa de proposta de nova periodização* é apresentada uma nova distribuição cronológica das fases históricas, com base em características linguísticas de cada época. Dessa forma, podemos considerá-la a que melhor atende às necessidades de estudo diacrônico da língua portuguesa.

Sabemos que a língua é viva e por isso está em constante mudança acompanhando uma série de acontecimentos históricos inerentes ao seu tempo. Sendo assim, nada mais relevante do que uma proposta de periodização que leve em consideração não somente os fatos gramaticais, mas também os fatos históricos que influenciaram direta ou indiretamente a evolução da língua portuguesa.

Teyssier (2007: 35) admite a dificuldade em definir um limite de periodização especialmente do período arcaico e questiona sobre a possibilidade de determinar os períodos da língua portuguesa do século XVI até os dias de hoje. Em sua concepção o período arcaico duraria até o surgimento de Camões onde se inicia o período moderno. Outra maneira de se periodizar é de ir seguindo a divisão tradicional da história, nas escolas literárias, ou simplesmente nos séculos.

---

completa biografia do autor em dois volumes *História de Antônio Vieira* (1918-1921), sendo reeditada em 1931 e republicada em Portugal em 1992 e no Brasil em 2008 (com Prefácio de Pedro Puntoni) e a sua conhecida compilação de três volumes das *Cartas* (1925-1928), republicadas em 2008 (com prefácio de Alcir Pécora).

Contudo todas estas propostas parecem deixar lacunas que nos cerceiam. A proposta de Bechara contribui para o preenchimento destas lacunas ao balizar as fases históricas com base em características comuns chegando ao seguinte resultado (1985: 51):

<i>Fases históricas da língua portuguesa</i>	<p>a) arcaica: vai do séc. XIII ao final do XIV</p> <p>b) arcaica média: vai do séc. XV à 1ª metade do séc. XVI</p> <p>c) moderna: vai da 2ª metade do séc. XVI ao final do séc. XVII</p> <p>d) contemporânea: vai do séc. XVIII ao XX</p>
--	--

Para a nossa pesquisa nos interessa focalizar o terceiro período, caracterizado pelo autor, como fase moderna referente à segunda metade do século XVI ao final do século XVII, onde se insere Vieira. Segundo Bechara, a partir desta fase os fatos linguísticos são mais conhecidos e estudados, devido à valorização cultural e literária de Portugal provenientes do classicismo português. As ideias renascentistas deste movimento atraíram os olhares dos primeiros gramáticos e filólogos. No entanto Bechara observa que os escritores quinhentistas e seiscentistas, como Vieira, não encontravam nas gramáticas e dicionários ou outras obras de cunho filológico, regras que pudessem seguir e assim justificar o seu progresso linguístico, senso estético e estilístico.

Neste momento entre a segunda metade do século XVI e o final do século XVII, Bechara enumera alguns fatos linguísticos balizadores dessa fase moderna, com base em textos literários e documentos. Dentre eles temos a eliminação progressiva da concordância do particípio passado com o objeto direto. Sendo assim, é oportuno estudar este fato em Vieira um representante desta fase moderna.

## 4.2.

### A oposição entre PPS e o PPC nas Cartas de Vieira

Como as mudanças se processam lentamente e não no mesmo tempo, é possível encontrar em uma etapa da língua vestígios da anterior. O mesmo se pode dizer com relação ao desempenho linguístico de determinado autor, como, no presente estudo, Vieira. Ao observarmos o PPS e o PPC superficialmente em algumas ocorrências de suas Cartas, notamos que esta oposição aspectual entre elas em relação a um fato consumado e não consumado respectivamente. Ainda foi possível notar a presença de outra construção formada por ter/ haver e participio passado significando fato consumado. Isso se deve a que Vieira, embora priorize o esquema B a que nos referimos no capítulo 2, ainda utiliza o esquema A, restrito a verbos transitivos, com participio passado concordando com o objeto direto. Cabe ressaltar que a escolha do verbo haver, no primeiro caso, é eventual e nula, no segundo caso.

Nossa pesquisa pretende analisar nestes tipos de construção a oposição aspectual entre PPS e PPC. Num segundo momento, os resultados serão comparados a outros empregos em que, aparentemente, o PPC expressa um fato consumado, neutralizando, assim, a oposição com o PPS.

Os dados reunidos para a análise destas questões foram retirados das *Cartas do Padre Antônio Vieira* (2008), Tomo I, da Carta I, de 1626, à carta LXXXII, de 1659.

A seguir, transcrevemos alguns exemplos do fato em estudo, sem prévia separação entre realizações de PPS e PPC. Os sublinhados são de nossa responsabilidade.

(24) Pelo que sou forçado a dar a Vossa Paternidade conta nesta do que sucedeu nos dois anos de 1624 e 1625. (Carta I: 34).

(25) Na sua última enfermidade, além das dores e grande fraqueza, padeceu muita falta de todo o necessário (Carta I.: 35).

(26) Os mais todos se ocuparam nos ministérios da nossa Companhia, segundo a vocação e talento de cada um (...) (Carta I.: 39).

(27) De algumas cartas que vi de V. Ex<sup>a</sup> em Lisboa, e do que aqui tenho ouvido, sei é este o parecer de V. Ex<sup>a</sup> e entendo (...). (Carta III: 87).

(28) (...) porque todo o encarecimento é curto para as excelentes partes de que Deus o tem dotado. (Carta III: 88).

(29) (...) Deus o guarde, que tão grandes fundamentos lhe tem dado para o que dele esperamos. (Carta IV: 89).

(30) (...) mas entendo do que a não tem feito menor a V. Ex<sup>a</sup> em ter a V. Ex<sup>a</sup> tantos anos fora de Portugal. (Carta IV: 89).

(31) Do príncipe, que Deus guarde, tenho já dado as novas a V. Ex<sup>a</sup>, e também do que se tratava acerca de lhe dar casa, e que não me parecia não se conseguiria por agora (...). (Carta IV: 91).

(32) (...) e como esperava do zelo que nele havia, e inteligência dos negócios, encaminharia este com todo o acerto e cuidado, como tem feito (...). (Carta V: 92).

Essa amostra não revela uma característica que observamos no conjunto dos dados embora não tenha sido feita uma análise quantitativa, ou seja: os empregos do PPS suplantam, significativamente os do PPC.

Dos exemplos acima observa-se em (24), (25), (26) e (27): “vi” que as formas verbais sublinhadas expressam um fato consumado, ou seja, de ação concluída e demarcada dentro do seu período interno.

Nos outros exemplos, os empregos do PPC levam a outra interpretação. Nestes casos, a forma verbal expressa continuidade e o tempo da ação está inconcluso, não foi consumado. Confirma-se a oposição aspectual entre PPS e PPC. Em princípio, essa oposição se dá nos moldes do que se observa no português atual.

Além das construções que acabamos de comentar, outras fogem ao esquema exposto e se distribuem de duas maneiras: 1. são remanescentes de antigas construções em que o particípio passado concorda com o objeto direto, logo, restritas a verbos transitivos, e 2. apresentam as características formais de PPC, mas, semanticamente, expressam ação verbal conclusa.

Já foi observado na Introdução que só interessam à nossa pesquisa construções com o verbo ter / haver no presente. São numerosos nas Cartas os exemplos com a concordância do particípio passado, quando o primeiro verbo está no imperfeito do indicativo, no gerúndio ou no infinitivo. Tais estruturas fogem ao escopo desta pesquisa: a oposição entre PPS e PPC. Assim nem todos os exemplos do tipo 1, a seguir, servem de dados para nossa análise.

(33) Mas como a Graça é mais poderosa que a natureza, tinha este Irmão tão vencida a sua que, com suas próprias mãos, tratava aquela podridão (...).  
(Carta I: 37)

(34) Destas e de outras muitas que sua humildade nos encobria, tinha lavrada sua coroa que a 13 de junho, dia de Santo Antônio, cujas pisadas com o nome seguira, foi possuir a gloria. (Carta I: 38)

(35) (...) e tendo tirada a mais da prata e os ornamentos postos em dobro que não deu o tempo lugar para mais, seguiram ao prelado os nossos que estavam em casa (...). (Carta I: 43)

(36) Eu o conheço, e confesso e confessarei sempre assim, e, nesta grande obra, com que V. Mercê tem servido a Deus, tenho livradas as maiores esperanças dos grandes bens do céu, que a V. Mercê muito do coração desejo (...). (Carta LXXXV: 340 ).

Passemos a outro tipo de construção.

(37) (...) para que ajudem a levar adiante o que têm começado os que cá estamos; porque é o meio único (...). (Carta LXXVII : 348).

(38)(...)já tenho morto dez e alcançado dez grandes nomes (Carta I: 62).

(39) As velas se largaram, e eu fiquei dentro nela e fora de mim como ainda agora estou e estarei até saber que S.M. e V. A. têm conhecido a verdade e sinceridade do meu ânimo (...). (Carta LXVI: 293).

Estes exemplos, se comparados aos anteriores em que se observavam construções de PPC que se opõem aspectualmente aos empregos de PPS, causam estranheza por não apresentarem a referida oposição. Muito ao contrário, expressam um fato consumado. Observa-se, ainda, que nos três casos o segundo verbo é transitivo.

Bomfim (s. d.)<sup>16</sup> em capítulo sobre “Combinações com ser, e ter / haver + particípio passado” notou este fenômeno e rotulou-o como “pseudo tempo composto”. Segundo a autora que só encontrou construções deste tipo com verbos transitivos, essas estruturas, formalmente assemelham-se às de tempo composto mas, semanticamente correspondem às de PPS. Equivalem, deste ponto de vista, às antigas construções com concordância com particípio passado, sempre expressando fato acabado.

Se propusermos paráfrases para estes exemplos, nos moldes das construções do esquema A, com concordância, teremos as construções que se seguem. Observa-se que no primeiro exemplo o objeto direto não está explícito e, conseqüentemente, a concordância está neutralizada.

(37) (...) para que ajudem a levar adiante o que têm começado os que cá estamos; porque é o meio único (...). (Carta LXXVII : 348).

(37') para que ajudem a levar adiante o que têm começada os que cá estamos; porque é o meio único...

(38)(...)já tenho morto dez e alcançado dez grandes nomes (Carta I: 62).

(38') já tenho mortos dez e alcançado dez grandes nomes.

(39) As velas se largaram, e eu fiquei dentro nela e fora de mim como ainda agora estou e estarei até saber que S.M. e V. A. têm conhecido a verdade e sinceridade do meu ânimo (...). (Carta LXVI: 293).

---

<sup>16</sup> *Notas gramaticais às Cartas do Padre Antônio Vieira* (no prelo).

(39') As velas se largaram, e eu fiquei dentro nela e fora de mim como ainda agora estou e estarei até saber que S.M. e V. A. têm conhecida a verdade e sinceridade do meu ânimo.

Levando-se em conta que “morto” é particípio passado de “matar”, é possível substituir as formas perifrásticas por outras de PPS, como respectivamente, “começaram”, “matei” e “conheceram”.

Comparando os exemplos (37), (38) e (39) com suas respectivas perífrases é possível notar que, exceto pela concordância, todos têm características similares e expressam um fato consumado. Segundo Bomfim (s.d), o que permite estas construções a interpretação como fato consumado é a ideia de posse contida em *ter*, vestígio da sintaxe antiga, com a estrutura de tempo composto e ausência de concordância. No entanto, ainda que atenuada, persiste a ideia de posse. Podemos então afirmar que estes exemplos são construções de pseudo-tempo composto formadas com verbos transitivos que lembram as estruturas antigas em que o particípio passado concorda com o objeto direto, com ideia de posse e aspecto conclusivo. Examinando-se o fato por outro ângulo é pertinente relembrar observações de Epifhanio Dias (1918: 192) sobre o emprego do PPC expressando ação consumada:

- a) o pretérito indefinido exprime a continuação ou repetição d'uma ação desde certo momento até o momento em que falamos.
- b) Também serve de exprimir que no momento em que a pessoa fala, uma ação está consumada, com a ideia acessória de que não há possibilidade, necessidade, ou vontade de continuá-la. (...) a significação que vai em b) é a significação primitiva desta perífrase, que já existia em sentido semelhante, mas com uso mesnos lato, no próprio latim clássico.

Como se vê, o mestre português observa ser este tipo de construção semelhante a outras já observadas no latim clássico. Vale ressaltar que no *corpus*: encontramos construções deste tipo apenas com o verbo *ter*, e que o verbo *haver* raramente aparece em Vieira significando posse o que afastaria a probabilidade de sua escolha. Nas construções de pseudo tempo composto o aspecto verbal expresso indica sempre um fato consumado já nos tempos compostos a oposição aspectual se dá com o pretérito perfeito composto.

Em suma, estas observações nos permitem constatar tais estruturas que aparentemente se mostram como um tempo composto, mas de fato, são

equivalentes a um pretérito perfeito, apresentando aspecto consumado. Pode-se dizer que se trata de um recurso estilístico de Vieira cruzando estruturas de PPC com outras de antigas construções com valor de posse, o resultado é uma terceira estrutura similar à primeira quanto a forma com o valor semântico da outra.

Esta exposição permite que possamos concluir com base nos dados de Vieira:

1. no texto de Vieira, representativo do português moderno, observa-se a oposição PPS / PPC, nos moldes da língua atual;
2. ainda há vestígios do antigo esquema *ter / haver + participio passado* (no *corpus* só *ter*) de verbos transitivos, com a concordância desta forma com o objeto direto e;
3. observa-se a presença de uma construção com o verbo *ter + participio passado* de verbo transitivo, formalmente semelhante a um PPC mas semanticamente equivalente a uma estrutura de PPS.

Ainda convém assinalar um exemplo com o auxiliar *haver* em que a perífrase expressa fato consumado a que já nos referimos na introdução e que transcrevemos a seguir com nova numeração.

(40) (...) estimarei que V. Ex.<sup>a</sup> me diga se há V. Ex.<sup>a</sup> escrito ou há de escrever (...). (Carta IV: 91).

Observa-se que “há escrito” equivale a “escreveu” e que o verbo *haver* está funcionando como auxiliar e o objeto direto não vem explicitado.

Esse tipo de estrutura assemelha-se a outro, comum em fases mais remotas do português e que Bomfim (s. d.) aponta como formas intermediárias entre as antigas construções de verbo transitivo com a concordância neutralizada. Tais empregos são muito comuns na Crônica Geral de Espanha de 1344<sup>17</sup> (fins do século XIV) e nas Crônicas de Fernão Lopes (século XV). Nestes casos, o aspecto é acabado. Observa-se, ainda, que não estamos diante de construções do tipo apontado por Epiphânio Dias, herança da sintaxe latina.

Trata-se, como observa Bomfim (2002), de uma construção intermediária na passagem do esquema A para o B.

---

<sup>17</sup> Edição crítica do texto português por Luis Filipe Lindley Cintra. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1954. 4 vol.